

**A OBSCENA SENHORA D: UM SUJEITO PARA O FILOSOFAR.
DA IMANÊNCIA DO HOMEM À TRANSCENDÊNCIA DE DEUS**

AMANDA PEREZ MONTANES (UFSC)

IV / A QUEDA

"Da minha idéia do mundo
Cai ...
Vácuo além de profundo,
Sem ter Eu nem Ali ...
Vácuo sem si-próprio, caos
De ser pensado como ser ...
Escada Absoluta sem degraus ...
Visão que se não pode ver ...
Além-Deus! Além Deus! Negra calma ...
Clarão de Desconhecido ...
Tudo tem outro sentido, O alma,
Mesmo o ter-um - sentido ...

(FERNANDO PESSOA)

A "Obscena Senhora D", Hillé, teófaga incestuosa, nada, nome de ninguém ... essa mulher que aos seus sessenta anos se senta no vão da escada para meditar na palavra de Deus, e buscar, através de repetidos questionamentos, a "revelação". Seu desassossego é denso: esse não saber que, salvo que a resposta está aí e não poder encontrá-la: "Olhe, não quero te aborrecer, mas a resposta não está aí, ouviu? nem no vão da escada, nem no primeiro degrau daqui de cima

será que você não entende que não há resposta?" (p.4). Não que o mundo seja mudo senão não entender sua linguagem; não que Deus fi que calado, senão saber escutá-lo. Daí, sua busca enquanto o tempo vai passando e consumindo sua existência na procura de uma certeza que não se aclara, uma verdade que não se prova, uma palavra que não se decifra, um olhar que não vê, um pensamento que não se expressa. Que é, então, o que se tem?. Como se pode viver de incertezas, de adivinhações, de pressentimentos?; "Não compreendendo o olho, e tento chegar perto. Também não compreendo o corpo, é armadilha, nem a sangrenta lógica dos dias, nem os rostos que me olham, nesta vila onde moro, o que é casa, conceito, o que são as pernas, o que é ir e vir, para onde Ehad, o que são essas senhoras velhas, os ganidos da infância, os homens curvos, o que pensam de si mesmos os tolos, as crianças, o que é pensar, o que é nítido sonoro, o que é som, trinado, urro, grito, o que é asahen?" (p.6).

A Senhora D sente que suas idéias dão voltas e reviravoltas em um pequeno e infinito caos de sua mente; pensamentos disparam em sua mente como flechas. Ela ama a luz mas submerge-se na escuridão: "Eu ã procura da luz numa cegueira silenciosa, sessenta anos ã procura do sentido das coisas" (p.3); ela necessita da linguagem, mas foge ao silêncio de seus próprios pensamentos. A confusão e o caos aprisionam a metade de sua mente, enquanto que a outra se desespera por ser lúcida. A tranqüilidade da lucidez esfuma-se para dar passo ao mundo do silencioso caos e assim passam-se os dias que se tornam noites e noites da alma cada vez mais obscuras: "Por que me chamo Hillé e estou na terra? E aprendi o nome das coisas, das gentes, deve haver muita coisa sem nome, milhares de coisas sem nome, e nem por isso elas deixam de ser o que são eu se não fosse Hillé seria quem? Alguém olhando e sentindo o mundo Alguém, nome de ninguém esse aí não é nada esse sim é alguém" (p.23).

A Senhora D deixa a sua vida normal, ficando a sós para mais profundamente encontrar-se; não pertencer a nada e nem a ninguém para encontrar absoluta liberdade de quem só tem a si mesmo: "Estou encostada à parede no vão da escada, escuto-me a mim mesma, há uns vivos lá dentro além da palavra, expressam-se mas não compreendo, pulsam, respiram, há um código no centro, um grande um-

bigo, dilata-se, tenta falar comigo, espio-o, e curvada." (p.6)

Para a Senhora D, o presente é "um tempo de espera", de silêncio, de cegueira, de treva, onde os mortos vivos (Ehud, o sai) se igualam pela impossibilidade de atuação. Mas o diálogo com o morto querido (Ehud) o revela tão vivo como dinamizador da energia criadora, mostrando assim que o tempo morto do presente também só é uma aparência, porque o passado, ao fazer-se presente, cobra vida e permanência: "É preciso que eu fale, é a hora da morte, não é? avançam os guardados da alma, alguns toscos pesados, brilhos, me escuta por favor, tudo se esvai, escuta eu Hillé respondia se estou perto escuto sabe, às vezes queremos tanto cristalizar na palavra ou instante, traduzir com lúcidos parâmetros centelha e nojo, não queremos? sim então, eu queria também, queria sem tocar teu medo, teu amor, tua vaidade de homem, existir no teu sonho." (pp.27-28)

Da mesma forma, a Senhora D/filha presente redescobrirá o "pai" morto em outra dimensão além de seu real presente "Respeito e persigo uma luz de outras vidas. E ainda que as janelas se fechem meu pai é certo que amanhece" (p.1). Em conclusão, na Obscena Senhora D, H.H. rompe o círculo do seu próprio Eu para se lançar na voragem do Eu/outro em busca do enigma da existência, da morte de Deus, da sexualidade, da finitude, da eternidade, enfim de todos esses questionamentos que inquietam o existir do homem e o fazem duvidar da onipotência de Deus.

Na Obscena Senhora D, encontramos o "homem" concreto em sua individualidade, mas também o vemos em seu querer ser; na procura de uma resposta que lhe permita encontrar sua verdadeira identidade, através da compreensão dos porquês da vida e da morte assim transcender do finito e infinito.

Esta é uma obra em que se apresenta uma relação dialética entre vida e morte (eros/tanatos) que se debate em duelo e se dissolve no tenso e caótico diálogo, por meio do qual se deixa ouvir o tumulto interior produto de sua angústia: "Uma apocalíptica interrogação existencial se faz ouvir ininterrupta até a última página do livro: ... um dia compreender isso de vida e morte, esses porquês." (p.3)

Entre lucidez e cegueira, entre vida e morte, a Senhora D vai rompendo a aparência segura e protetora dos atos cotidianos e põe

a descoberto a "ilusão" da vida para destruí-la e permitir que a terrível verdade do dia a dia se mostre desvendando a finitude do homem que se expressa com a velhice, símbolo da morte do ser: "Por favor, queria tanto te falar da morte de Ivan Ilitch da solidão desse homem, desses nada do dia a dia que vão consumindo a melhor parte de nós queria te falar do fardo quando envelhecemos, do desaparecimento, dessa coisa que não existe mas é crua, é viva, o Tempo." (p.3) Nessa mudança crua e cruel que o tempo produz nos homens, a Senhora D vai se defrontando na luta entre a vida e a superação da morte na permanência espaço-temporal através de um terceiro (Ehud?): "Estar morto. Se Ehud foi algum dia, continua sendo, se não Foi, NUNCA SERIA, mas antes de ser Ehud não era, e então depois foi não sendo?" (p.8)

A imagem que a Senhora D faz de Deus lhe é traduzida pelo seu interlocutor (Ehud): "Engolia o corpo de Deus, devo continuar engolia porque acreditava, mas nem por isso compreendia, olhava o porco-mundo e pensava: Aquele nada tem a ver com isso, olhava o dentro nada tem a ver com isso. Este, O Luminoso, O Vivido, O Nome, engolia fundo, salivosa lambendo e pedia que eu possa compreender, só isso. Só isso, Senhora D? Compreender o jogo brincado do menino louco, pensa um pouco Hillé, pensa no sinistro lazer de uma criança louca, ou pense em criança brincando com gatinhos, com ratos, com tristes cadelas vadias, ó vinde a mim as criancinhas, que sabemos nós das criancinhas, como pode dizer isso, ele que dizia muito assim?" (p.5).

Para os outros (vizinhos), a morte é coisa que não se pode dar jeito, para a Senhora D é uma razão de ser incompreensível, obscura que só Deus pode decifrá-la: "Depois da morte aquela fome, aquela escuridão, tu acredita alma de defunto seu Tônico? besteira, o mundo tá muito involuído, não tem mais disso não é Deus? Olhe, isso é assunto de padre, de ministro, de político, é Deus todo o dia dentro da boca, de dia Deus, de noite a teta de uma, a pomba de outra, eles é que se regaleia, viu?" (p.21). A mortalidade do homem se faz manifesta no dia a dia de sua vida. Ele tem que conviver com o orifício anal que lhe lembra a sua triste condição e sua morte, e com o qual, inevitavelmente, tem de obrar, espalhar mais a fétida em choque com o sublime, próximo do divino que são a beleza, a poesia, a arte, o amor ... "Escondido atrás mas quantas

vezes pensado, escondido atrás todo espremido, humilde mas demolidor de vaidades, impossível ao homem se pensar, espirro do divino tendo esse luxo atrás ... mas o buraco ali, pensaste nisso?" (p. 24).

A vida ferve em torno da morte da Senhora D que se faz polongação da morte de seu marido Ehad: "Agonizava essa e eu encostava o ouvido a sua boca, ouvia: querido, perdoa a incompreensão, recusa, indiferença de muitos dias, perdoa solidões, os contatos com o nada, a palha à alma, perdoa se não te dei claridade, emoção, se quando tu me queria os olhos se banhavam de umas águas do passado. Eu Hillé respondia esquece esquece, está tudo bem agora. Mentia. É preciso que eu fale, é a hora da morte não é?" (p. 27). E Hillé pergunta seu porquê dessa crua realidade. Ela, como todo o ser humano, tem consciência de que é um Eu distinto dos demais e que um dia morrerá, mas apesar dessa certeza não consegue entender e compreender o porquê da sua existência e de sua morte. Só sabe que é "uma verme e comida para vermes: "... que rasteje faminto de todos os sentidos, que apodreça, homem, que apodreças, e descomposto, corpo vivo de vermes, depois urna de cinzas, que os teus pares te esqueçam, que eu me esqueça, e fociñhe a eternidade à procura de uma melhor idéias, de uma nova desengonçada geometria mais êxtase para a minha plenitude de matéria, licores e ostras" (p.17).

Na Obscena Senhora D, vemos a grande preocupação de Hilda Hilst pela palavra que quer libertar-se através do caos, da fragmentação, do desdobramento da narração. Hillé busca o verdadeiro significado da palavra, o que está além da pergunta, porque não pode conformar-se com a imperfeição do signo, nem com a difícil conexão entre as coisas e seu nome: "... porisso falo falo, para te exorcisar, porisso trabalho com as palavras, também para me exorcisar a mim, quebram-se os duros dos abismos, um nascível irrompe nessa molhadura de fonemas, sílabas um nascível de luz, ausente de angústia" (p.31).

A Senhora D pretende encerrar no espaço de uma palavra a idéia da perfeição, da unicidade, do infinito, da criação, da plenitude, do Bem Supremo. Deus é o signo convencional, mas como encontrar a verdadeira essência? Só partindo, pouco a pouco, na procura da imensidade, através da fragmentada escada que, entre re-

flexos parciais de mil espelhos rompídos e contrapostos, a leve à compreensão absoluta da vida que só com a morte é cumprida, e na que a palavra (o signo) elimina as palavras quando o silêncio enche tudo, alcançando sua forma exata. A "Obscena Senhora D, Hillé, a teófaga Incestuosa, o Nada" ... só deixa de procurar o conhecimento quando atinge a morte, porque ela é a compreensão do existir: "... Hillé era turva, não ?/ um susto que adquiriu compreensão./ que cê disse, menino? / o que você ouviu: um susto que adquiriu compreensão. Isso era Hillé" (p.56).

A Obscena Senhora D é uma obra em que vemos a multiplicidade na unidade, refletida nessa agônica busca do conhecimento desse novo "homem" e esse novo "Deus". É por isso que a autora impregna a palavra com enigmas (metáforas, símbolos, neologismo, indispensáveis para seu novo dizer), produzindo a complexidade inerente às interrogações do "Eu-poético", em seu contínuo diálogo com o "outro" (Deus); mas também vemos a nebulosidade da linguagem que sendo a mediadora entre nós e a realidade da desvendada, não apresenta a clareza que a lógica exige. A expressão de sua palavra é metáfora e símbolo produzindo-se assim, um obscurecimento do pensamento lógico. Por isso, nos vemos forçados a leituras e releituras de sua obra, para - assim como que a Senhora D - poder esclarecer o verdadeiro significado de sua linguagem. Esse esclarecimento nos permite compreender que a complexidade de sua escrita é produto da nova concepção da realidade e da mudança dos valores atuais, reflexo de nossa modernidade.

Hilda Hilst, através de sua narrativa, propõe um novo caminho para a compreensão de um "novo homem" e um "novo mundo" através de uma nova concepção de Deus.

Como vimos ao longo de nossa análise, em "A OBSCENA SENHORA D" expande-se um universo de reflexão filosófica do "homem", situado em seu contexto existencial: espaço e tempo cósmicos e nas relações existenciais surgidas entre o homem e seu corpo, seu mundo e entre o homem que cada um é e os outros que também são homens como ele; e entre o homem (finitude) e Deus (infinito). Nesta obra, o problema da "Mulher" se enfoca como "um sujeito para o filosofar", porque a mulher já não se apresenta na luta secular por igualdade de condições, nem exercendo o "rol tradicional" que a sociedade lhe tem imposto. Na "Obscena Senhora D", está presen-

te a imagem de uma mulher que transcende os limites do estabelecido, do convencional para sumergir-se na busca da verdade e do conhecimento que lhe permitam compreender sua razão "de ser", não só como mulher senão também como "ser humano": finitude no infinito.

E é através do "erotismo (entendido como fenômeno cultural, impulsão consciente em que nos lançamos na tentativa de transcender os limites da existência e não como qualquer atividade sexual, que só será erótica "quando não for simplesmente animal"⁴) que a Senhora D coloca o problema da mulher: ela se redescobrendo essencial, com a responsabilidade de ser princípio, expansão e duração do homem. É como se concentrando-se cada vez mais sobre seu próprio "EU", a mulher fosse, paradoxalmente, se descobrindo cada vez mais extensa e multiforme, como essas múltiplas máscaras que Hillé usa no vão da escada: "...Ehud, e se eu costurasse máscaras de seda, ajustadas, elegantes, por exemplo, se eu estivesse serena sairia com a máscara da serenidade, leve, pequenas pinceladas, um meio sorriso, todos os que estivessem serenos usariam a mesma máscara máscaras de ódio, de não disponibilidade, máscaras de luto, máscaras de não pacto, não seria preciso perguntar vai bem como vai etc., tudo estaria na cara" (p.8).

Mas o erotismo da Senhora D, também é a manifestação da relação entre continuidade e descontinuidade — base da experiência erótica — que implicam a dialética de morte e vida em torno da qual ele se articula, porque o "erotismo nos dirige à morte, exatamente quando o que buscamos é perpetuar a vida, permanecer, continuar, prolongar indefinidamente o instante fugaz do gozo". Por isso, a trajetória erótica é sempre absurda e obscura como a vida de Hillé que, ao tentar desafiar os limites de sua condição humana, Eros deve sucumbir, pois só na morte reside essa possibilidade remota de permanência, de continuidade tão procurada e questionada na "OBSCENA SENHORA D". Ao sucumbir, Eros está dando origem a um novo tipo de vida, a um novo ser, e essa nova forma de vida será sempre incompleta, descontínua, permanecendo nessa busca impossível que, fatalmente, a levará ao fim: "... e tendo visto, tenso sido quem fui, sou esta agora? Como foi possível ter sido Hillé, vasta, afundando os dedos na matéria do mundo, e tendo sido, perder essa que era, e ser hoje quem é? Quem a mim me nomeia o mundo? Estar aqui no existir da Terra, nascer, decifrar-se, aprender

deles a adequada linguagem, estar bem não estou bem. Ehud ninguém está bem, estamos todos morrendo" (p.8).

Para a Senhora D, já não é mais importante compreender a vida sexual como uma função orgânica específica independente das demais opções ou atos da existência cotidiana. Ela intui que o instinto sexual é algo infinitamente mais vasto e profundo do que aquilo que se entende como função sexual, porque essa função não permite transcender a uma compreensão total de existência: "... Ehud, não posso dispor do que não conheço, não sei o que é corpo manos boca sexo, não sei nada de você Ehud a não ser isso de estar sentado agora no degrau da escada, isso de me dizer palavras, nunca soube nada, é isso nunca soube" (p.7).

Na "OBSCENA SENHORA D", a sexualidade se dilui numa tensão/densidade de anseio por uma fusão radical do "EU" com o universo para depois renascer no erotismo vivido como uma experiência-limite que lhe permite tocar as raízes da vida, e identificar-se com as forças terrestres que contêm em si o Deus a ser redescoberto:

... lama sabactani Enquanto tu morrias eu te abraçava numa fúria alagada, numa sórdida doçura, minha alma era tua? o desejo era demasiado para a carne, que grande fogo vivo insuportável, que luz-ferida, que torpe dependência uma outra Hillé sussurrava muito fria e altiva, uma outra Hillé fingindo mansidão e langor, roliça, passiva, perla sobre o fastídio dos mármore... pergunto se me amas, Hillé perguntas perguntas, como se fosse simples isso de amar, como se o peito soubesse desse adorno, como posso saber se a alma não compreende? (p.30-31)

A SENHORA D toma ao homem Ehud, o amado, como ponto de referência de sua preocupação e busca a verdade, e é sempre em função dele, de seu amor/desamor, que ela se questiona e trata compreender a razão de existir. Seu constante diálogo, mediado por Ehud, vai transformando-se ao igual que sua própria imagem de mulher que se interroga a si mesma para tratar de compreender a experiência da vida, a manifestação da energia essencial e criadora, natural no ser humano e mediadora entre este (Homem, morte, finito, tanatos, temporal) e a totalidade (Deus, vida, Eros, o infinito, o atemporal): "... sempre que te deitavas comigo, homem, a carne era inteira loucura e sedução, não enfiavas os dedos, o sexo, não sentias? sim a vida foi isso de sentir o corpo, contorno, vísceras

respirar, ver, mas nunca compreender, por isso é que me recusava muitas vezes, queria o fio lá de cima, o tenso que o OUTRO segura, o OUTRO, entendes? que OUTRO mamma mia? DEUS. DEUS, então tu ainda não compreendes?" (p.29). Ou seja, que o AMOR nesta obra, extrapola a romântica e individualista relação EU-VOCÊ tradicional, para se resolver no relacionamento EU-OUTRO, que partindo do corpo atinge as raízes metafísicas do ser, para tratar de se sentir participante da totalidade.

Na "OBSCENA SENHORA D", a "mulher" mantém um incisivo e desafiante diálogo com a morte, enfrentando-a cara a cara, como a grande realidade que permanece tão misteriosa para os homens. Anulando toda a possível distância entre si mesma e a morte, a Senhora D torna extremadamente familiar a temerosa figura, mostrando-a ao mesmo tempo essencialmente participante da vida:

... procura compreender, Hillé, agora que estou morrendo compreender o que, Ehad? nomeia as ilusões, afasta-te da vertigem... loucura é o nome da tua busca, esfacelamento, cisão, derrelição, também senhora D, também quando eu não estiver mais, ouviu? quando eu não estiver mais evita o silêncio, a sombra, procura o gesto, a carícia, um outro, procura um outro, e que ele conheça o teu corpo como eu conheci, ensina-o se for inábil e tímido busca tua salvação, empurra o espírito para uma longa viagem, afasta o espírito (p.31-32).

Poderse dizer que "A OBSCENA SENHORA D" é uma obra na que se faz ouvir uma "apocalíptica interrogação existencial", não só da "mulher" como sujeito para filosofar, mas também do "HOMEM" que, dia a dia, se debate em um constante questionamento sobre o POR QUE de sua existência. Daí, que a Senhora D, a teófaga incestuosa, Hillé o Nome de Ninguém, o Nada, o abandono, a DERRELIÇÃO, luta entre a lucidez e a cegueira para pôr a descoberto a terrível verdade da vida: "a efemeridade irremediável de tudo; o fim que nos aguarda com a velhice; a degeneração do corpo; o apodrecimento da morte e, acima de tudo, o que realmente importa: a grande interrogação sem resposta, POR QUE?"⁵.

Na Obscena Senhora D, vemos a mulher no absoluto desespero. O desespero talvez do apaixonamento que leva ao completo extermínio de seu objeto do amor e que pode procurar na morte a consagração triunfal de um encontro não mais possível de ser neste mundo, onde a finitude do ser humano torna-se na limitante da

compreensão da existência que só se transcende com a morte. Tal como afirma Heidegger: "... A existência autêntica está sempre colocada diante da morte, admitindo-a como Próxima e, portanto, encontra-se em condições de poder compreender, em cada momento, a vaidade absoluta de qualquer realização e o nada de tudo o que pode ser tomado como real."⁶

Prosa, poesia e filosofia reúnem-se na obra de Hilda Hilst para dar passo a um obsessivo questionamento das possibilidades ou impossibilidades de um CONHECIMENTO objetivo/subjetivo do homem/palavra/mundo/Deus, dentro de um universo em crises e transformação. Na "Obscena Senhora D", apresenta-se a ânsia de conhecer e compreender o porquê da contraditória a caótica existência do "ser" no mundo cujos valores, definições, limites, e incertezas levam o homem a voltar-se para as possibilidades de um novo conhecimento acessível ao EU que se manifesta ao longo de sua obra e especialmente na Obscena Senhora D. E é precisamente nesse questionamento caótico, que a autora vai compor seu discurso poético, obscuro, emaranhado, hermético, caótico, como o próprio pensamento do homem em crise, abandonado, na procura de um "DEUS" que lhe permita compreender a obscuridão de seu existir e sua visão inestimável do mundo, para levá-lo a perceber, com inquietação, uma existência-outra, ainda desconhecida, mas que se apresenta abissal e decisiva para o verdadeiro conhecimento do Homem/Mundo/Deus: "... Suportaria o estar viva, recortada, um contorno incompreensível repetindo a cada dia passos, palavras, o olho sobre os livros, inúmeras verdades lançadas à privada, e mentiras imundas exibidas como verdades, e aparências do nada, repetições estéreis, farsas, o dia a dia do homem de meu século? ..." (p.15)

Hilda Hilst nesta obra apresenta a "cisão moderna" entre o homem/Deus na procura de um conhecimento real/verdadeiro que se agudiza, em nosso século, como consciência-mundo e como crise de linguagem que vão a exigir novas respostas às interrogações que permanentemente o homem do século XX se faz: Quem sou Eu? neste efêmero percurso na vida: "... a efemeridade irremediável de tudo, o fim que nos aguarda com a velhice, a degeneração do corpo... Hillé vive um pequeno/grande drama: "a tragicidade desses "desperdícios", "inutilidades" ou da efemeridade inexorável de tudo está na ausência da transcendência: "Desamparo, abandono, assim é

que nos deixaste. Porco-Menino, menino-porco, tu alhures algures acolá lá longe no alto aliors, no fundo cavucando, inventando sofisticadas maquinarias de carne, gozando o teu lazer: que o homem tenha um cérebro sim, mas que nunca alcance, que sinta amor sim mas nunca fique pleno, que intua sim meu existir mas que jamais conheça a raiz do meu mais ínfimo gesto, que sinta paroxismo de Ódio e de pavor a tal ponto que se consuma e assim me liberte..." (p.17).

A Senhora D manifesta uma profunda decepção com a vida, com Deus que gera nela uma revolta herética (a teófaga incestuosa), submetendo-a a viver prisioneira num universo estigmatizado pela culpa e onde a esperança na redenção desertou. Mas a revolta de Hillé se exerce contra o "outro" (Deus) que é símbolo da vida na esperança redimida: "Engolia o corpo de Deus como quem sabe que engole o Mais, o Todo, o Incomensurável, por não acreditar na finitude me perdia no absoluto infinito..." (p.4).

Em conclusão pode-se dizer que "A OBSCENA SENHORA D" é um romance em prosa, em verso, onde o monólogo interior predomina da primeira à última página. Mas ele também é uma obra composta de texto em textos, partes de um todo e um todo em partes (fragmentos de uma só obra) no que Hilda Hilst rompe com os limites impostos pela academia e pela estreiteza da "vida cotidiana" repetitiva e amorfa, deixando-nos ouvir o "tumulto interior" ali sofocado sob a superfície calma, parada e imóvel em movimento, do vão da escada onde Hillé (Hilda?) faz uma apocalíptica interrogação existencial que se revela como o ponto máximo de tensão, "até hoje alcançada pelo universo de assombros que é a ficção hilstiana".⁷

A palavra de Hilda Hilst é vários tipos de palavras: a palavra poética, a palavra narrativa, a palavra pensante. Sua palavra é relato e "viagem-vivência", vidência: um meio de exploração e de esclarecimento; é palavra em movimento que faz seguir um e múltiplos caminhos, e percorrer mil e um espaços para demarcar um território.

Hilda Hilst não faz literatura. Ela pensa, narra e, enquanto narra, faz poesia. Ela percorre um espaço e traça um "circulo para a meditação. Sua escrita nos circunscribe no horizonte descontínuo e abrupto do pensamento e, através de tortuosos e des-

contínuos passos, nos esforçamos por esclarecer as opacidades e transparências de seu texto. Em Hilda Hilst só o passageiro permanece.

NOTAS

1. A Poesia Obscura/Luminosa de Hilda Hilst é A "Metamorfose" de Nossa Época. Nelly Novaes Coelho. Em "Hilda Hilst/poesia(1959-1979)". Coleção "SEÕESI", Editora Quiron Limitada. São Paulo, 1980. p.281.
2. Ibem, p.290.
3. "Quem Tem Medo de Hilda Hilst?". Leo Gilson Ribeiro, em Polímica (Revista Semestral de Crítica e Criação), Nº 2, São Paulo, 1980. p.176.
4. "Eros Travestido" (um Estudo do Erotismo no Realismo Burguês Brasileiro) Lúcia Castello Branco. Editora UFMG, Belo Horizonte, 1985. p.17.
5. A Obscena Senhora D . "Agonia entre o Sagrado e o Profano". Nelly Novaes Coelho. Jornal de Letras, Nº 382, junho 1983.
6. "As Doutrinas Existencialistas. (De Kierkegaard A Sartre)". Régis Jolivet. "Filosofia e Religião" Nota Série, Vol. 8, Livraria Tavares Martins, Porto/1975. p.130.
7. A Obscena Senhora D . "Agonia entre o Sagrado e o Profano." Op. cit., s.p.

BIBLIOGRAFIA

- BRUNO, Haroldo. Novos Estudos de Literatura Brasileira. José Olympio Editora/INL-MEC, Rio de Janeiro, 1980.
- CASTELLO BRANCO, Lúcia. Eros Travestido. (Um Estudo do Erotismo no Realismo Burguês Brasileiro). Editora UFMG, Belo Horizonte, 1985.
- _____. Em Busca de um Eu Presente - Considerações Semióticas sobre um Texto de Hilda Hilst. Revista Con Textos, 1(1), Nov. 1988.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica del Poder. (Genealogía del Poder). Las Ediciones De La Piqueta, Madrid, 1980. 2.ed.
- GILSON RIBEIRO, Leo. Quem tem Medo de Hilda Hilst? Polímica (Revista de Crítica e Criação). Nº 2, São Paulo, 1980.
- _____. Mais uma Obra de Hilda Hilst. Com todos os Superlativos O Estado de São Paulo, Jornal da Tarde (Cadernos de Programas e Leituras). Nov. 20/1982.

- HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo (parte II). Coleção Pensamento Humano. Editora Vozes, Petrópolis, 1989.
- HILST, Hilda. A Obscena Senhora D. Massao Olmo-Roswitha Kempf/ Editores. (Capa de Mora Fuentes), São Paulo, 1980.
- _____. Poesia (1959-1979). Editora Quiron, INL, Organizada por Nelly Novaes Coelho. São Paulo, 1980.
- JANINE RIBEIRO, Renato (Org.). Recordar Foucault. Editora Brasiliense. São Paulo, 1985.
- JOLIVET, Régis. As Doutrinas Existencialistas. (De Kierkegaard a Sartre). Livraria Tavares Martins, Porto, 1975. 4.ed.
- KIERKEGAARD, Soren. O Conceito de Angústia. Tradução de João Lopes Alves. Editorial Presença, Lisboa, 1972.
- MENDONÇA TELES, Gilberto. A Retórica do Silêncio. (Teoria e Prática do Texto Literário). Cultrix/MEC, São Paulo, 1979.
- NOVAES COELHO, Nelly. A Obscena Senhora D. Agonia entre o Sagrado e o Profano. Jornal de Letras. Nº 382, jun. 1983.
- _____. A Poesia Obscura/Luminosa de Hilda Hilst e a "Metamorfose" de nossa Época. Em Hilda Hilst, Poesia (1959-1979). Edições Quiron/INL/MEC. São Paulo, 1980.
- RAJCHMAN, John Foucault. A Liberdade da Filosofia. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1987.

